

Ciências e Letras

FUNDADO EM 1930
Presidente do Grêmio
Anísio Alegría

Diretor do Jornal
Tullio Canísio

Redator Chefe

João de Azevedo Filho

COLABORADORES:
Renaldo Valinho, Alva-
rez Silvestre, Paixão Du-
arte, Relinaldi Cunha,
Marta, Felisberta, Walter
Pereira, Mario Marchew-
ca, Hiete de Almeida,
Armando Bretas de Cas-
tilho, Martino Soares, Ju-
lio Penetra Gomes, Gar-
los José da Luz Ferreira,
Mareos Artello Ney, Pau-
lo Monteiro de Barros,
Samuel Fernan, Aluizio
do Vale, José di Giacomo,
Mário Torres de Barros,
Bibiana Varanda, José M.
Sambursky, Urras Ribei-
ro Billo e Maria José Ne-
gri, Cidalina Salomão e
Norival Nunes
COMISSÃO DE SELEÇÃO
Anísio Alegría, João de
Azevedo Filho e Tullio
Canísio.
Tiragem: 1.600 exemplar-
es — 8 páginas

ONDE ESTÁS...

Onde estás, felicidade
Porque cédo me esqueceste?
Conhecer-te não devia,
Para tão cédo perder-te?

A saudade não me deixa
Tomou assim teu lugar.
Felicidade saudosa,
Porque custas a chegar?

Chamei-te pela alegria,
Pelo sentimento, amor,
Meu coração não devia,
Conhecer o teu sabor.

Na morte há o consólo,
Manda-a já, me vir buscar.
Felicidade saudosa,
Porque custas a chegar?

"Diana Cagadora."

Próximo número
EDICÃO DE ANIVERSÁRIO
COM 12 PÁGINAS

PRINCIPAIS LIVROS DA BIBLIOTECA

Pedro e Lúcia — Romain
Roland, Retrata da Lacuna
— Vde. de Tanyey, "Senho-
ra e "Guarany" — J. Allen-
car, "A montanha de Cristo"
de Jonathas Serrano,
A moreninha — Manuel
de Macedo, Rajá do Per-
dab — Coelho Neto.
Eu — Augusto dos Anjos.
B. Lopes — Poemas con-
pelas.
O corcunda de N. Danie
— V. Hugo Salomão
Flaubert.
Tartarin de Tarascon —
Daudet.
Mimi Pinson — Musset.
Memórias d'outre tombe
— Chateaubriand.
Uma lenda de Montrose —
Scott.
O Arco de Sant'Ana —
Garret.
Thais — Anatole France.
Os homens do amor — 93
— o homem que ri — de V.
Hugo.
O Fantasma de Cantervil-
le — Wilde — Ressurreição
— Tolstoi — O Príncipe e

o Mendigo — Mark Twain
Contos da Estripe — M.
Gorki — O Príncipe — Ma-
quival.
A mulher de 30 anos —
Balzac.
Eugénia Grandet — Bal-
zac.
Fábulas — de Lafontaine.
Grandeca e Decadência dos
Romanos — Montesquieu.
Nova Floresta — Manuel
Bernardes Beethoven — Liu-
diviz.
Stendhal — Zweig.
Todos os livros citados
acima e muitos outros, estão
a sua disposição na Bibliote-
ca do Grêmio.

**PARTEIPE DO CON-
CURSO DE CONTOS**

O Departamento de Di-
vulgação oferece uma
comissão de 25% a
quem arrastar anúncios
para o **Ciências e
LETRAS.**

Colégio não é Reformatório

Silvestre Paixão Duarte

Dois colegas procuraram-me para que escrevesse um artigo para o Ciências e Letras. Mas, escrever sobre o que? — foi o pensamento que me tomou de assalto ao receber o convite. Um deles, o Tullio, já me havia falado acerca de uma colaboração minha para o referido órgão. Aceedi imediatamente, pois tratava-se de uma secção de curiosidade que já havia criado há algum tempo. Porém agora o assunto era mais complexo e novamente o Tullio, acompanhado de um colega, procurou-me no local em que se acham sepre os colegas nas horas de folga: o "Minas e Rio".

— Você é o Silvestre Paixão Duarte? — perguntou-me o rapaz, no qual julguei reconhecer um ex-colega que não era muito de estudo.

— Sim, sou eu — respondi — O que é que há?

— Bem, é que o Ciências e Letras vai sair e nós queremos um artigo seu para publicar.

— Oh, vagabundo, você também é do Grêmio? — perguntici-lhe, usando essa expressão, que sem cunho de ofensa, me acostumei a distinguir os colegas que não querem nada com o estudo.

— Vagabundo!? — admittiu-se — É... essa palavra já se tornou sinonimo de estudante do Pedro II.

— Bem, é que o Ciências e Letras vai sair e nós queremos um artigo seu para publicar.

— Oh, vagabundo, você também é do Grêmio? — perguntici-lhe, usando essa expressão, que sem cunho de ofensa, me acostumei a distinguir os colegas que não querem nada com o estudo.

— Vagabundo!? — admittiu-se — É... essa palavra já se tornou sinonimo de estudante do Pedro II.

— Bem, é que o Ciências e Letras vai sair e nós queremos um artigo seu para publicar.

— Oh, vagabundo, você também é do Grêmio? — perguntici-lhe, usando essa expressão, que sem cunho de ofensa, me acostumei a distinguir os colegas que não querem nada com o estudo.

— Vagabundo!? — admittiu-se — É... essa palavra já se tornou sinonimo de estudante do Pedro II.

VOCE DISCORDA?

Descrição — é uma sequencia de fatos ou episódios.
2 — Conceito de Trabalho — Em mecânica, chama-se de trabalho ao deslocamento de um ponto de aplicação de uma força.
3 — A época Clássica dividida os generos literarios em 2: Poesia e Prosa. Sendo que a Poesia se desdobrava em genero Litrico, Épico e Dramatico; e a Prosa em Narrativo, Didactico e Oratorio.
4 — Visão binocular é a variação do aspecto dos objectos conforme se-jam observados com o olho direito ou com o esquerdo que nos dá a sensação de relevo dos objectos.

Funde um jornal em sua turma e o Departamento de Divulgação o auxiliará.

Anatolio Prado

CHAVES com brevidade de qualquer tipo

Abre-se e conserva-se

R. DA QUITANDA, 32
Jundos - Tel. 43-9676

Perfumaria Carneiro

Carlos Carneiro & Cia.
R. Curador, 186/188 - 22-9236
R. Curador, 116 - 22-0217
Praça Floreamo, 31 - 22-7011

Perfumaria Carneiro

Carlos Carneiro & Cia.
R. Curador, 186/188 - 22-9236
R. Curador, 116 - 22-0217
Praça Floreamo, 31 - 22-7011

Colégio não é Reformatório

O colégio tem razão: vagabundo tornou-se sinonimo de estudante do Pedro II. E porque isso? Por diversas razões que, não sendo devidamente apreciadas, transnitem ao observador desprevendo a falsa impressão de que o aluno do "Colégio Paixão" é um elemento que não sabe honrar a gloriosa tradição daquele colégio em cujos bancos, sentaram-se tantos e tantos brasileiros ilustres.

Estão enganados os que têm essa impressão. Não quero dizer que o nosso colégio não tenha, em seu seio, elementos relaxos e indignos de nele figurar. Não Mas também não me digam que os outros educandários só possuem "santos" em suas classes.

Porém, no Colégio Pedro II, esse fenomeno se processa sa em maior escala, uma vez que, para isso concorrem vários fatores não observados em outros estabelecimentos de ensino.

Primeiramente a quantidade de alunos é esmagadoramente maior que em qualquer outro, com a agravante

Silvestre Paixão Duarte

de que as instalações não comportam tamanho numero, sendo seus dirigentes em situação, critica e seus dis-
pulos mal acomodados. No entanto, todos sabem encerrar com altivez a situação, sem uma única queixa. Sim, pois é preciso diminuir a assustadora porcentagem de analfabetos no Brasil e isso não se fará excluindo os aqui matriculados e que exceedem o numero de vagas.

Sendo o Pedro II o colégio que cobra as menores mensalidades e que possui os melhores professores de todo o Brasil, recebe gente de todas as classes sociais indivíduos de todas as qualidades. Não é dessa forma, um colégio de gran-finos, de elementos escolhidos a dedo, ou de "filhinhos" do seu Sicrano e do seu Beltrano. É um colégio que possui elementos de todas as formações morais.

Não passa de um grande erro dizer-se que por um filho no Colégio Pedro II é perdido-o. Quem é bom já nasce feito e o colégio não é nenhum reformatório. Portanto, quem não presta, não presta, mas quem tem o seu valor e sabe conduzir-se, será no futuro um orgulho para a nação e consequentemente para o "Colégio Paixão", que tantas inteligências tem portuzido.

Perfumaria Carneiro

Carlos Carneiro & Cia.
R. Curador, 186/188 - 22-9236
R. Curador, 116 - 22-0217
Praça Floreamo, 31 - 22-7011

NOTICIA SOBRE REVISTAS

Diante da crescente popularidade de certas revistas que em nada contribuem para o acento intelectual da nossa geração (muito pelo contrario, so fazem emborralhar o gósto e mal ensiná-la); diante da victoria dessas revistas, convém (no ludo politico) que circulem entre nós com a cma de revistas fi-terarias ou de cultura geral, o Ciências e Letras scrite-se na obragação de fazer um apelo a todos que inadvertdamente dão seu apoio a estas publicações malistas.

Há para a nossa sociedade estudiosa, para os ávidos da beleza e do saber, uma infinidade de revistas circulando, quasi que em completo desconhecimento.

O nosso apelo é para que prestigiem essas revistas preferindo-as áquelas que se impuzeram entre nós pela propaganda bem paga. Danos uma relação de algumas que interecem realmente ser lidas; e estamos certos de que folheando um numero de qualquer uma delas, você ficará seu leitor assíduo, permitindo assim a sua existencia no-lre. Eis-las:

- Humanidades — do Rio.
- Paralelas — de S. Paulo.
- Agora — de Goiás.
- Lanquim — de Curitiba.
- Urapuru — de S. Catarina.
- Edifício — de Minas.
- Provincia de São Paulo — do R. G. do Sul.
- Formação — do Rio.
- Fonte — do Rio.
- Magog — do Rio.

Se você não encontrar nas bancas de jornais, a que escolheu, aqui estamos para servi-lo, orientando-o em como conseguí-la.



Será Possível?

O amigo irá ler agora um assunto interessantíssimo e de quando acabar, diante de tanta inverosimilhança, indagará perplexo: — Será Possível?

que, além de ser cunhado de meu pai, era meu tio, por ser irmão de minha naidra.

A mulher de meu pai também foi mãe de um rapaz, que era meu irmão e meu neto, por ser filho de minha enteada.

Minha esposa (era minha avó, por ser mãe de minha naidra).

Eu era o marido de minha mulher e, ao mesmo tempo, seu neto e, como o marido da avó de uma pessoa qualquer é seu avó, eu torrei-me avó de mim mesmo!!!

Por BAPTOSN

Alguns tempo depois minha senhora teve um filho

ORIENTAÇÃO

A todos que enviaram colaborações para esse número do Ciências e Letras, queremos tornar público o nosso agradecimento.

Sentimos realmente não poder aceitar todas as colaborações enviadas, o que não foi possível por motivos mais que justos. Para melhor orientar aquelas que desejam colaborar conosco, pedimos que atentem para o seguinte: Não nos enviem tantas transcrições e "Sábia que?" como têm feito. Quando pedimos um trabalho seu não queremos dizer que seja éle uma colêlana de cutrosoplades ou uma transcrição de conceitos já emitidos em livros ou revistas por figuras de destaque. Pedimos um trabalho da sua lavra; trabalhos que mostrem os valores novos que existem entre nós, de que podemos dispor e para quem estamos de pé, com nossas colunas abertas, lutando contra toda espécie de dificuldades. Por esta razão muita colaboração foi rejeitada e muita só aceita em parte.

Aos colegas que nos têm mantido histórias, em quadritos de sua autoria, avisamos que só poderemos abrir mão de suas colocações para os jornais de turma que o Grêmio vem de facilitar com o seu anuário à disposição de todos. Para o Ciências e Letras, órgão oficial da nossa Instituição elas não serão aceitas.

Não deixamos de responder aos trabalhos rejeitados. Devolvemo-los, com uma apreciação, justificando o nosso critério de seleção (por isso, pedimos enviar-nos sempre nome e turma). Aqueles que ainda não receberam seus trabalhos pedimos excusas; apenas o excesso de colaboração impediu-nos de responder a todos, o que iremos fazendo a tempo.

Reiteramos o nosso agradecimento a todos que, numma prova de compreensão e solidariedade, têm escrito para o jornal; e fazemos votos para que vejam seus trabalhos publicados, coroando assim nossos esforços em querer mostrar o que possuímos de melhor entre nós.

TAPEÇARIA CARIOCA

Av. Passos, 116 —:— Tel. 43-0555

Tapeçaria e Decorações - Amadureces e Enlaxadores, Tapetes, Olxados, Capachos, Galerias e Amadureces de diversas qualidades

Soras e Cortinados

FRASES GOUL- SABRADAS

"Nunca se acaba de aprender" (*Schumann*)

"Faze de tua mão esquerda uma confidente; a direita tocará" ad libidum

(*Chopin*)

"Creio em Deus e em Beethoven" (*Wagner*)

Valendo-se do termo "bald", que significa "atroio", Beethoven costumava dizer, referendo-se ao mestre das Fugas: "Bach? Antes occano."

"Ouve com atenção os cânticos patrióticos que éles te servirão de inspiração"

(*Schumann*)

A instrução forma o caráter, mostra os deveres, inspira o amor à origem, à justiça, e, por fim, origina o bom gosto em todas as coisas da vida" (*Didrot*)

"O principal fim do ensino elementar não é dar conhecimento e aptidões, é desenvolver e fortalecer as forças da inteligência" (*Pestalozzi*)

"A criança só aprende a pensar, pensando" (*Thom-dike*)



AD SEU ALCANCE!



O maior jornal de estudantes da América do Sul

No próximo número UM HOMEM LIVRE de RENEDEI CUNHA

UNIFORMES ENXOVAS PARA TODOS OS COLEGIAIS

A COLLEGIAL

Largo de S. Francisco N.º 38/40
Telefones 23-6367 23-6390



Em nome dos alunos do Colégio Pedro II, a bem da moral da razão e do direito, protesto contra a absurda exploração de D. Maria, proprietária do Assirio Pedro II (bar do Colégio). Protesto! Justificarei meu protesto e pedirei solução para o caso!

A sala ocupada pelo bar foi cedida gratuitamente por C. P. II. D. Maria não paga impostos, não paga o gaz, gasta água do Colégio e cobra, pelas refeições e merendas, o mesmo preço cobrando por uma pensão situada à Av. Passos. Esta pensão paga impostos, gaz, luz e... não gasta água do Colégio.

Diante de tal comparação não há o que dizer! Temos que procurar uma solução! É a solução é facilma: basta um requerimento ao S. A. P. S., e teremos no Colégio refeições por Cr\$ 2,00 e que fazem muita menos mal que a de D. Maria. Os alunos do terceiro turno, principalmente, lucrariam muito. Quantos alunos deixariam de jantar no U. N. E. e voltar correndo para a aula! Quantos seriam beneficiados por tão pouco esforço!

É difícil acreditar-se que a solução ainda tarde, esperto, portanto, somente voltar ao assunto para aplaudir uma solução louvável.

T. A. C.

Colombo

O alimento ideal da criança

A venda em todas as boas casas e na

Confeitaria

COLOMBO

Av. N. S. Copacabana, 890

R. Gonçalves Dias, 32/36



A Interpretação Plástica

Oismo plástico, para, uns surgindo-se contra o ideal da "ars gratia artis," perfilhado por Gautier, tornar-se um dos fatores de revigeração muiú de ta s pe- riodos.

Nosso século presença uma dessas saturações pe- los generos tradiconais, que teve por consequência o germinar de novas in- terpretações plásticas, cujo característico é o de se mostrarem compreendidas da necessdade prementia de despir as vestes sobre- modo incômodas da técni- ca para se transformarem em obra de puro pensa- mento, ousadia semelhante a uma perigosa e febril ascensão no caminho do di- vínio por encalços que de- beram, frequentemente, o ridiculo...

Quanto maior a adversi- dade, porém, maior a su- blimidade dos que a dese- iam...

É curioso assinalar-se, no entanto, que, como no impressonismo pictórico, essa busca ao indito ad- quire e mantém um aspe- to coerente somente en- quanto personagens, como neste caso um Monet, um Serral e um Renoir, con- tribuem com o próprio gênio para a subsistência de seus ideais plásticos, impedindo-os de desca- barem para suas amorfias manifestações iniciais, que poram a nu uma lamen- tível precariedade de al- lances ideológicos. Sur- gem aqui os extraordiná- rios recursos plásticos de alguns privilegiados su- prendo a existência de uma escola apta a sistema- tizar um gênero nebuloso...

Ex- te, aliás, uma signi- ficativa analogia entre o destino da arte coetânea e aquela com que Monet se "deparou"...

A corrente moderna con- fina o seu espirito, mais e mais, ao restrito círculo de seus máximos cultores, tendo de transportar grandes obstáculos, de vários teo- res, a fim de aliear her- deiros à altura do seu idealismo plástico, já que nela, como no impresso- nismo, não se verifica a existência de uma sólida matéria pictural ou de um maneirismo característico que assegure, por si só, uma repercussão positiva de suas concepções plás- ticas na arte do porvir. E' este um exemplo impar, creio eu, em que uma co- letividade artística, sob a mesma orientação ideoló- gica, aceita tácitamente o epíteto de "arte social," e talvez seja justamente essa finalidade social a principal responsável pela coesão do espirito moder- nista, obrigando-o vanta- josamente ao das escolas que têm a animadas ape- nas um ingênuo e amável lirismo, quando não aquê- le juvenil deslumbramento ante a natureza que susci- ta a não menos juvenil an- sia de plagiá-la...

Entretanto, no tocante ao fator individual, é co- mum depararmos, nas ve- nerandas páginas da His- tória, com a contribuição isolada de algumas indivi- dualidades devotadas a causas sociais, muitas por- encontrarem nestas as fon- tes mui cômodas de inspi- ração que debalde em si- mesmos rebuscaram...

E Hogarth propondo-se purgar as defecibilidades morais do "seu tempo," e David, a "alma de Jacato," como o classificou Dantoi, reconstituindo a fraldade das linhas helênicas e en- sando Napoleão para a "reprise" do drama roma- no que o fogoso côrso de- cidiu apresentar em palco francês...

Nesses demagôgos do pincel hê, todavia, aquele elemento prestigioso que Nelson Romero se re- fere, magistralmente, com- sendo a "dualidade funda- mental da obra de arte que, enquanto objetiva e belo, traduz a expressão do espirito que o contem- pla a essa, num todo har- monico, a genialidade do artista a realidade da be- leza imanente das coisas".

A aluidida dualidade da obra de arte como que se elimina a si mesma na interpretação plástica mo- derna...

talvez haja, nesta arte a superioridade incons- ciente de não tentar sobre- viver, pois mostra o bom senso que a arte social le- nce quando saciada das suas reivindicções ideoló- gicas...

E não é vazio de signi- ficção o fato da pintura plebeista de Van Gogh ha-

VIII SABIA?

SILVESTRE P. DUARTE

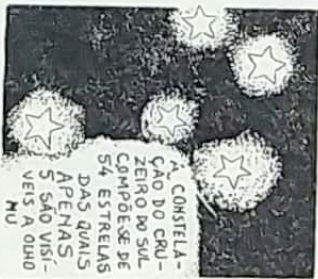


RIO GRANDE DO SUL



OS ENTENDIDOS AFIR- MAM QUE O LUGAR QUE HABITA A AMPAZ- NIA PODE VIVER MAIS DE 100 ANOS

A PRIMEIRA COMPANHIA A EXECUTAR O SERVIÇO AEREO NO BRASIL FOI A "VARGO" (VIACÃO AEREA RIO GRANDENSE) ORGANIZADA EM JUNHO DE 1927 TEM APENAS LINHAS ENTRE CIDADES DO RIO GRANDE DO SUL



ALGUNS MESES DE- POIS, AINDA EM 1927 INSTALARAM-SE A "LATECOERE" DEPOIS "VAR FAN- CE" E A "CONDOR" HOJE CRUZEIRO DO SUL

DESALIENTO

REINYNALDO ALVAREZ

Cada dia que passa estou mais triste. Por que será, que a Dor, punhal terrível, ficou curvada, desse modo incrível, No Pensamento, que ainda assim, resiste?

Por que só compreendo o que inexistê? Por que m n'álma ou mente, incompreensível, Combate o que me cerca, o indestrutível, E, eternamente, nessa luta n'istê?

Os meus conflitos, minha luta interna (Desilustio atroz me persegue), Serão a causa desta morte externa?

Por que, meu Deus, eu sofro, inconsc ante, Pois que a esta sina ingrata estou entregue, Como se fôsse, acaso, um descontente?

Pegueno Filosofo

Ver recuado ante o ousado realismo de Courbet e obscurecer-se o campesino Millet ante os românticos sucessores de Gérícault e Delacroix, fazendo-nos isto crêr-se seja essa intermitência de arroubos realistas pela História o "leitmotiv" que continuará a pontear, aqui e acolá, na densa atmosfera das inovações plásticas, indiferente às subli- mes ascensões e ruidosas quedas dos Icaros da Ar- te...

A propósito de ideias, sobrehumanos, deixo aqui aquela consideração de Nietzsche: "Atiraste muito alto a pedra, mas ela tornara a cair sobre ti..."

Walter Pereira

Um celebre escritor francês, que tem um filhinho pequeno, estava-o fazendo ler, um dia, a conhecida fábula do Leão e do Rato.

E o autor de grande número de romances aliamados tentava explicar a seu filho o conceito da fábula.

— Vê? Esta fábula ensina-te que o forte nunca deve prejulgar o fraco... O leão, por- tanto, teve dô do rato... Deixou-o fugir!

A criança, após um momento de reflexão, exclamou:

— Não te parece, antes, pal- zinho, que o leão o que não gos- lava era de comer ratos?...

Lógica infantil, cheia de ver- dade humana!

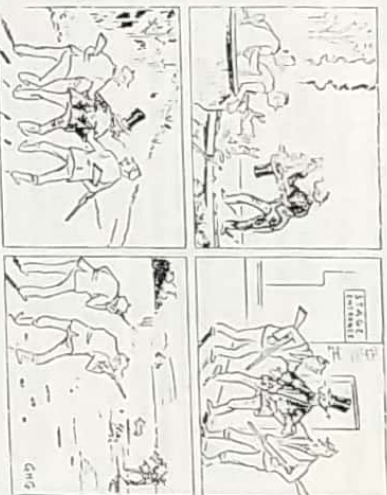
Allude H. G. Wells, a rápida observação, num- ra suas orcularias obras, a uma especie de exaustão que penetra, de tempos a tempo, no edíficio social, destruindo sistemas e fos- silizando ou restaurando ideologias de há muito ja- centes no mas hermetico olvido, seja pelo seu pri- mativismo conceptual ou por uma natural sacie- dade do publico em face dos vicissitudinarios crítrios de interpretação.

O mestre do "Sonho de Armagedon", guardando as reservas que lhe sao tão peculiares ao falar de arte, deixa transparecer o quanto de inexpressivo se lhe afigura essa resurrei- ção periódica de amorti- lhados generos no campo da interpretação plástica, abstenendo-se, porém, de aplicar suas aceradas ge- neralizações ao problema das escolas, apos ignorar, com a peremptória asser- ção de que "a História nao se repete" a evidencia da reabilitação de certos gé- neros de arte, depois de regulares períodos de ofuscamento.

A grande valia de tal considerações reside, tal- vez, na justificação que dão às complexas suces- sões de escolas e conceitos de interpretação e arte mesmo ao aparecimento dêsse "objetivismo dinâmico" tão propalado por Graça Aranha.

Superfluo ser'a, pois, leer considerações a re- peito da concomitância ca- tre as evoluções plástica e social, uma vez que só nos períodos de transição, como o actual, nos quais a sociedade mergulha em deprimente desfalecimen- to, é que a arte plástica se reveste ostensivamente desse sentido soc'al assaz discutido, desvencilhando- se, então, daquele cunho de industria que empana, por vezes, o brilho de mi- tos dos mestres do passa-

Lei do menor esforço



Saudação ao mês de Maio

Escreveu
Oswaldo Baptista

Lá ferra o vento passa com fúria avassaladora tu-do levando em seu cami-nho para aumentar o seu já imenso cortejo e deixa, apos, si, densa nuvem de poeira que desenha ara-bescos no ar.

É a profusão o vento na introdução orquestral do mês de mariano.

É maio que chega den-tro da temperatura carac-terística do outono.

E as correntes atmosfê-ricas que se deslocam, e o vendaval que corre doído, despenhando roseirais vem apenas saudar o seu advento.

Maio — mês católico e tradicional: mês de Maria e dos casamentos.

E durante o seu trans-curso que se realizam as longas ladinhas em hon-ra à Virgem e se ouvem hoshanas ao Senhor.

É, também, a época em que se concretizam os so-nhos arquitetados durante

todo um romance, a oca-sião em que se transfor-mam em realidade os mi-castelos planejados duran-te um período em que tu-do foram juras e promes-sas recproas, trocadas sob incêndio amor.

Autoreolando esse mútuo enlévo, esse estado de per-feita crença na felicidade irrevogável, os séres sub-jugados pela força mons-truosa da paixão, por mais que pesquisesem o dicioná-rio, por mais que manu-selem enciclopedias, só

encontram lémos ligados ao infinito, só conseguem sussurrar palavras de sen-tido incomensurável.

— Sempre, jamais — são vocábulos que experi-mem a única medida de tempo conhecida pela lin-guagem do amor.

“Não, nada é mais belo do que a ilusão e nenhuma outra possui tanta poesia como a do noivado. É a primavera na plenitude. Abre-se diante das noivas, um pórtico de mil cami-nhos. Um mundo que se descortina entre as incer-tezas que a sorte—reserva a cada qual. Mas os noivos vem apenas a aurora, as largas estradas cheias de flores, e nem por um ins-tante duvidam”.

Maio — mês em que tu-do são flores, r'sos e en-cantamentos.

Sim, porque, se abri, é o mês dos poetas, a época em que se enaltecem as virtudes dos vates, maio é o mês das noivas.

É a época festiva do anc-em que os pares român-ticos se acercam do sa-crossanto altar para, n'c-exlase da mesma adora-gão, unirem-se indissolu-velmente “até que a morte os separe”.

E o aparelho auditivo humano fica exâusto de ouvir o antístite dizer, de-poís dos ordenandos pro-nunciarem os votos perpé-tuos: — “Ego conjungo vos in matrimonium”.

Enfim, é a sequência ló-gica da ex-siência, a ro-tina inexorável da vida.

E por isso, maio, eu te saúdo:

— Mês festivo, de gra-tas recordações, que sejas benvirido!

Da Literatura Brasileira

TEIXEIRA DE MELLO

Alexandre José Teixeira de Mello (1833-1907) nunca teve no Brasil a importância de que é merecedor. Sua poesia tem uns toques tão suaves, tão doces, tão delicados, que raros serão os que o sobrepõem por estes lados. O seu livro *Sombras e Sonhos* é um dos mais mimosos que já foram escritos por mão de brasileiros.

O que individualiza e distingue as feições da poesia de Teixeira de Mello é certa singularidade, certa elevação graciosa e meiga das frases, certa garriedade das imagens; alguma coisa que lembra Victor Hugo nos bons tempos, quando não tinha ainda gongorismo a pena com que escreveu *Sara la baigneuse* e outras joias de igual quilate. Indicaremos alguns trechos que documentarão nossos assertos. Leiam:

Tinhas então no olhar a morbidez
Da infância que presente a mocidade,
Tinhas na fronte o selo da beleza
E n'alma a sombra vaga da saudade.

Ou isto, que é ainda melhor:

Onde haja musgo em que teça
Um ninho em que eu adormeça
Com meus amores implumes,

Onde não vinguem espinhos,
Onde o sol entre carinhos
Viva de azul e perfumes.

São fragmentos citados a esmo, e que demons-tram outra peculiar qualidade da poesia de Teixeira de Mello: a correção da língua e da forma métrica. O poeta é impecável, é um primoroso romântico e um verdadeiro precursor dos parnasianos.

Teixeira de Mello nasceu em Campos (Rio de Janeiro) a 28 de agosto de 1833. Formou-se em medicina e aposentou-se em 1900 no cargo de diretor da Biblioteca Nacional.

São obras suas os livros de versos *Sombras e Sonhos* (1858) e *Miosotis* (1877) e vários estudos de história e bibliografia.

D I G A C E R T O

Para que você não caia em corruptelas, isto é, na troca, omissão ou acréscimo de fonemas ou de sílabas, saiba que é:

CERTO	ERRADO
carramancháõ	carramancháõ
aeroplano	aeroplano
coradouro (diz-se roups coradas e não qu-radas)	guardor, corador
irrasível, irracível	irrasível, irracível
monstrenço	monstrenço
privilégio	privilégio
peritubação	peritubação
amnesia (paroxi-ona)	amnesia
avaro (paroxítona)	avaro
puídico	Mónope
protótipo	Interim
látex	decano
Monrói	crisântemo
interim	rubrica
decano	Madagascar
crisântemo	azaléa (flor)
rubrica	especimen, espécime
Madagascar	
azaléa	
especimen ou espécime	Prof. Gramma.

“INOCENCIA”

— Meu Deus! Suplico-lhe! “Abra meu coração e [arranque

de mim este desespero que me envenena a alma!

Porque não voltar aos tempos antigos, tão [felizes?

Porque deixar que me afaste da Vida, quando [mais

quero chegar-me ao seu seio materno?

— “Mas meu espírito está deformado”!

Eu sinto a sua parência horrenda, amedrontante, envelhecida... Sim... Envelhecida...

— “E para que um corpo e uma alma velhos e so-fredores”?

— Meu Deus! Suplico-lhe! “Abra meu coração e [mostre a Humanidade indiferente, para que julgue o mal [que me atormenta”!

“Das entranhas da minha alma, quero que jorre, qual fonte de inocência, toda a pureza do meu interior, oculta sob um corpo carcomido”...

— Meu Deus! “Depois de se ter certificado a Humanidade sobre a inocência do meu coração, jogue-o aos cães, junto com o meu corpo, mas a essência do meu ser, a minha alma, leve-a para o alto, sobre todas as forças materiais que se banham no pó imundo desta desgraçada Terra, sobre todas as deformidades pecadoras e sofredoras desta migalha do Universo, como minha própria alma inocente, que carregue um amontoado de ossos inúteis, corpo tão moribundo... moribundo... moribundo...”

II. KOPELMAN

Contamos com Você

Não poderíamos esperar mais, ficar parados a espera de oportunidades melhores, de melhores dias... Com todo o sacrifício, com toda a incompreensão, com todos os obstáculos a vencer, com o máximo esforço e todo idealismo havemos de fundar o nosso Grupo Cênico, tornar realidade esse velho sonho dos anlígos gremistas. Não vamos porém fazer alarde, ao contrário, viemos dizer isso, baixinho, escondidinho para que passe despercebido àqueles que só sabem criticar o Colégio e não gritem ai por fora. Só agora Colégio Padrao!... Realmente quase todo colégio do Rio tem o seu Grupo, o seu palco, o seu auditório sempre cheio durante o ano... nas festas de encerramento de curso, numa data magna, no aniversário do Sr. Diretor, etc. Não queremos desprestigiarlos deixando de ver as melhores intenções que os levam à essas realizações. Daqui mesmo, aproveitando o ensejo, fica o nosso elogio franco. São jovens idealistas e não fazem teatro por interesses ocultos senão na certeza de que estarão contribuindo para essa obra gigantesca de educação e cultura que havemos todos de empreender.

Mas talvez se justifique essa nossa falta, esse grave erro de que não somos inteiramente culpados. A muitos tal justificativa, sabemos, nem parecerá razoável, mas, não a deixaremos por fazer aqui. Na maioria das vezes, esses Grupos Cênicos, quando não fazem parte do patrimônio desses colégios, são chamados a vida por alguns diretores inteligentes que vêm nestas representações o melhor meio de propaganda para o seu educandário, dando-lhe, deste modo, todo apoio, isto é, destinando uma verba ou contratando professores, técnicos, ensaiadores, e ainda, o que é mais louvável, recompensando (com prêmios esportivos, livros, bolsas de estudo, matriculas gratas) os que mais se esforçam e sobressaem. O Colégio Pedro II, porém nunca precisou de propaganda, simplesmente porque não vive das matriculas dos alunos. Daí essa falta de um Grupo entre nós.

Este argumento convencerá, estamos certos, aqueles que vêm o teatro reduzido a tal, mas não

convencerá a nenhum de nós que nos esforçamos agora pela criação de um Grupo Cênico nos nossos bancos, porque para nós o teatro está muito acima de tudo isso, no seu devido lugar, no pedestal em que sempre o colocamos.

Já o disse Paschoal Carlos Magno, esse gigante infatigável, esse lutador perene — "Cabe aos jovens estudantes educar, criar, manter, aperfeiçoar plateias. Por isso que na América do Norte, na Europa e mesmo em alguns centros da Austrália e da África do Sul, em quase toda escola secundária superior existe seu grupo dramático, ao lado de seu "team" de futebol ou voleibol. Trata-se, de maneira inteligente, de habituar cada moço para o cotidiano, destruindo-lhe inibições, fazendo-o menos tímido e completamente livre de qualquer receio diante da coletividade." E o que pretendemos fazer.

Temos um mundo maravilhoso aberto diante dos nossos olhos, um mundo de belezas incomensuráveis; e a nossa relação com este mundo descortinará para muitos de nossos colegas a paisagem bela, o quadro prodigioso. "A cultura não se limita apenas aos fórmulários e aos sistemas científicos. É muito ventilhada por outras belezas. Recebe a força necessária à luta pela vida, e a espiritualidade que diferencia o civilizado do selvagem, o trabalho-homem do trabalho-máquina", ensinou-nos mestre Bandeira. Nesta época de materialismo grosseiro, de civilização sem cultura, de máquinas e máquinas seremos o anfidoto precioso. Só viemos aqui para dizer isto: contamos com você. Você trabalhará conosco, não nos faltará. Deixará de lado os anacronismo ainda vigentes, os preconceitos tolos, a timidez perul, o medo absurdo, a vergonha falsa.

Você escreverá para nós, ou nos mandará a sua sugestão para o que havemos de representar: estudará conosco os melhores meios; interpretará uma ingénua ou um velho confidente, fará os nossos cenários ou desenhará as roupas que usarmos, fará o nosso ponto-ou-o-nosso-eletricitista; será o nosso corpo ou a nossa plateia. Queremos fazer tudo, desde a execução dos cenários, a marcação da peça, até o colarido da interpretação, a vivacidade das cores e das luzes; e não podemos estar sem você, pois, tudo isto requer a contribuição de todos, um esforço cooperativo em todos os setores. Sem você tudo não passará de um sonho fantástico... de um belo sonho!

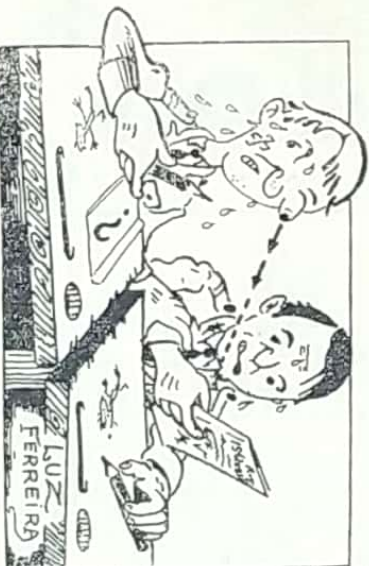
PONTASIA

por Selma

Foi por uma tarde de ventanias, folhas secas atape-tando o chão. Os troncos das árvores nodosas, assentavam-se a colunas de cipós retorcidos e cobertos de líquens, que se esgalhavam, entre-agreste peculiar da mata. Em certos lugares havia, amon-

tando o chão. Os troncos das árvores nodosas, assentavam-se a colunas de cipós retorcidos e cobertos de líquens, que se esgalhavam, entre-agreste peculiar da mata. Em certos lugares havia, amon-

Decadencia do Ensino



serpenteano no solo.

Aquela, modorra proveniente da hora, provocava solenidade.

Afigurou-se-me que o futuro de pedra se movimentava. Chiuos de graça e expressão, no ritmo do vento que lhes fazia esvoaçar os cabelos e lhes ondulava os membros. De sibilo fugiram.

Que seria?

Ah! O fauno as descobrira e cortia-lhes no cetaço, em saltos caprinos. As distâncias eram vencidas aos pulões, escondendo-se, por vezes, para melhor surpreender as minfas.

E que riso sardônico!

Ei-lo agora que se senta. Estará fa'izado?

Não. Modula o sínx em escalas melodicas. Tira do instrumento sons extranhos, mas de uma doçura e de uma sedução envolvente. É sua maneira de atrair.

As melodias se amalgamam e harmonizam com a manito e harmonizam com a manito no espaço.

Quebre a cabeça...

- 1 — Quem foi Ramiz Galvão?
- 2 — Quem é o autor?
- Qual a mais forte das armas; A mais firme, a mais certeira?
- A lança, a espada, a clavinha, ou a funda aventureira?
- A epistola? O becanarte?
- A espingarda? Ou a flecha?
- O canhão; que em praça forte [forte] Faz em dez minutos brecha? — Qual a mais firme das [armas?] O terceiro, a fisga, o chuço, O dardo, a maça, o vitote?
- A faca, o florete, o laço, O punhal ou o chifreote?
- A mais tremenda das armas, Pior do que a durandina, Atendi, meus bons amigos, E apelida, A lingua humana
- 3 — Diga o Principio de Arquimedes.
- 4 — Qual das 3 frases está errada?
- a — O que não se deve dizer.
- b — O que se não deve dizer.
- c — O que não deve dizer-se.

Respostas

- 1 — Benjamin Franklin de Ramiz Galvão foi escritor, historiador e filósofo; bacharou pelo Colégio Pedro II onde foi mais tarde lente de grego. Exerceu ainda os seguintes cargos: Diretor da Biblioteca Nacional, Diretor da Instrução Pública do D. F.
- 2 — Luis Nicolau de Fagundes Varela, um dos nossos primeiros liricos.

3 — "Todo corpo mergulhado em um líquido experimenta um empuxo (e não im-pulso) de baixo para cima igual ao peso da liquido deslocado".

Atraídas pelos sons, as minfas se aproximam e, em circanda, bailam, rodopiam e saltam em movimentos cuja expressão completando o conjunto, formam cenas que se sucedem e desdobram em linhas e cores, perfumes e sons.

Pouco a pouco tudo se foi crevando, tornando-se fosco, até se apagar...

Seria um sonho? Tera sido uma alucinacão? Nessa incerteza olhei para o fauno e lá estava ele sobre o pedestal de mármore entrelaçado de rosas, rindo no seu riso sardônico.

No proximo numero

MARIA CUTIERIA

Por MARIA FELSBERT

UNIDADE E COESÃO

Apoio total aos Grêmios — Não adianta fazer oposição — A imensa força dos estudantes

Nota-se um profundo interesse no seio da classe estudantil por suas associações representativas, associações que, sem divida alguma, merecem o mais completo e integral apoio dos jovens estudantes brasileiros.

Ainda não se formou um clima dentro do qual se possa respirar livremente esse ar de atitude e decisão, tomadas as duas no sentido da elevação material e intelectual dos colegas, sem o que não se poderá ascender a uma posição definitiva e justa que os noços da pena e do livro devam ocupar.

Todos conhecem os sindicatos de trabalhadores, sindicatos que têm ou devem ter em mira a defesa e o amparo total daqueles que sob a sua égide se colocam.

É todo um plano geral de solidariedade — P. R. O. F. I. S. S. I. O. n. a. l. — além de se estender a inevitável evolução do homem, sempre para um estado de vida melhor.

Ora, se as classes trabalhadoras tem seus órgãos de proteção, se em todos os ramos de atividade profissional quer no comércio, quer na indústria, quer no magistério, quer nos setores técnicos e especializados, artistas ou científicos, existem sindicatos e associações representativas — por que não terá essa mesma classe estudantil, que poderia e deveria até ser muito maior, por que não terá, rúpicenos, seus órgãos de classe, suas associações?

Os estudantes tem uma missão a cumprir e dela não podem desviar.

É sabido que num ambiente de liberdade os governos só podem ser exercidos pelos capazes, pelos cultos. E é sabido, igualmente, que aqueles que se metem na cultura são os governos de amanhã em sua formação intelectual. Esta é a missão precípua do estudante! Preparar-se conscientemente, mas, o seu preparo não será condigno se, desde cedo ele não se educar numa atmosfera de responsabilidade, critério e decisão que, sem perder divida, terá importante influência em sua atividade futura.

Deste modo, é de se estranhar — não se compreende, mesmo — a falta de decisão, notadamente do estudante do curso secundário, por aqueles organismos que o devem representar.

Falvar a degenerescência de ortografia que sofreram va-

rias dessas organizações de classe, seguindo, por vezes, rumos danes não trilhados, de antanho, naturalmente não permitidos, rumos que, muitas vezes, conduziam a política, tem feito com que alguns dos jovens idealistas se desinteressassem desses movimentos. Entretanto, não nos devemos deixar levar por um derrotismo francamente infeliz e sumamente prejudicial. O problema estudantil transcende a essas questões, transcende pelos inúmeros estudantes e, principalmente, inimigos de todas as suas boas iniciativas.

Se nós reconhecemos o mal, se nós o constatamos nos mesmos e que devemos procurar extirpá-lo para a perfeita saúde das organizações estudosas. Todos devem dar, para seu próprio benefício, a máxima contribuição possível para a formação, manutenção e desenvolvimento de qualquer grêmio, associação ou união que venha, realmente a prestar serviços de utilidade prática à classe estudantil. Assim, é necessário para a consecução da obra de união da juventude dos colegas que no estabelecimento onde não há grêmio se funde um, que no centro onde não há associação se crie uma. Porém, torna-se vital que além da fundação e do incremento de novos grêmios, se prestigie totalmente, completamente, os que já existem. Fortalecem o — o — o —, dando-lhes vida, animando-os, enfim.

É preciso criar e fomentar novos organismos estudantis, organismos em que se preparem os homens de amanhã, desenvolvendo o amor às Ciências Letras e Artes.

Não se justifica mais esse flagrantíssimo desleixo dos "bons vivants", dos inuteis, dos incapazes ou dos derrotistas.

Não adianta fazer oposição, não adianta gritar, esbravejar, blasfemar se não se tem as armas eficazes que combatem os nossos adversários, dando-nos o que nos é de direito.

Devemos tomar parte na reforma e, ensino, necessariamente, da padronização do livro didático, precamos do abastecimento nas mensalidades e nas classes; mas, nada disso poderemos pleitear se não estivermos unidos e coesos em torno dos interesses comuns.

Conhecemos as injustiças e as arbitrariedades de que somos vítimas, mas nada poderemos reparar, anular ou realizar se não nos unirmos, se não nos estendermos as mãos, se não esquecermos velhos ressentimentos, se não gritarmos para nós mesmos as nossas idéias e as nossas

convicções, se não deixarmos de as querer impor aos que, como nós, lutam do mesmo modo contra as mesmas forças, sofrem da mesma fome e da mesma sede, comungam e das mesmas tristezas e das mesmas angústias.

É dentro desse elevado espírito de união que devemos prestigiar os nossos órgãos estudantis.

Com um Grêmio em cada Colégio, e um maior intercâmbio entre eles, sairemos vitoriosos em nossas lutas.

S.A.P.S. no Colégio

Cont. da pag. 1

que diz ser favorável a instalação do S. A. P. S., pelo preço das referiões. Faz também referências elogiosas as Eleições para o Conselho de Representantes e friza a necessidade do estudo ser gratuito no Pedro II.

ELEIÇÕES DE ACORDO COM AS TURMAS

A colega Dianira Goulart, durante uma agradável palestra, opina pela "S. A. P. S.", por uma biblioteca que funcione nos três turnos (sendo permitida a entrada das alunas a qualquer hora) e acha que "as eleições estão se processando de acordo com as turmas", neste momento chega Laura de Souza e a palestrista — entrevistada continua ainda mais agradável — Laura de Souza concorda com Dianira Goulart.

Não sendo obrigatório o uso de uniforme, não deveria também ser exigido o uso das meias às alunas do Curso Colegial.

Agora é Dianira Goulart que concorda com Laura de Souza.

Neste momento já havia um grupo de trinta e tantas alunas em torno do "reporter".

Toma a palavra a atual bibliotecária do Grêmio, Illete de Almeida, para dizer-nos:

O uso das meias já devia ter sido abolido há muito tempo.

Illete está de acordo, também, com o que disseram suas colegas. Encerrando a reportagem entrevistamos Maria Felisberta que atendeu-nos com aquele seu sorriso angelical: — Estou de pleno acordo em pleitear gratuidade para

todos, sendo o Colégio do Governo essa medida já deveria ter sido tomada. Sugere a Colega Maria Felisberta que o uso das meias seja facultativo.

Grandes Pensamentos, Grandes Sentenças

Toda a natureza é um anhelo para servir. Serve a nuvem, serve o vento, serve o sulco. Onde há uma árvore para plantar, planta-a tu; onde ha um erro para encontrar, encontra-o tu; onde ha um esforço a que todos se esquivam, aceita-o tu. Se aquele que atisona a pedra do canunho, o odio dos corações, e as dificuldades de um problema.

Há a alegria de ser são e a alegria de ser justo; porém, há sobretudo, a alegria de servir.

Quanto seria triste o mundo se tudo já estivesse feito, se não houvesse um rosal para se plantar, uma empresa para emprender! Que não te chame apenas os trabalhos lacus. L tão belo fazer aquilo a que os outros se esquivam!

Forem não calas no erro de que so há meritos com os grandes trabalhos; há pequenos serviços que são serviços imensos.

Aquele é o que critica, este o que destrói; se tu o que serve.

Servir não é tarefa de seres inferiores; Deus, que dá o fruto, a luz, serve. Pode-se chamar-se assim: O que serve.

E tem os olhos em nossas mãos e nos pergunta cada dia: Serviste hoje? A quem? A árvore, a teu amigo, a tua mãe?

(Gabriela Mistral)

Erratás aparecidas no número anterior de "Ciencias e Letras"

No soneto "Trepiscula", onde se lê, n. 1.º verso, *aperece*, leia-se *aparece*; no nono verso há uma vírgula depois de *côtes* (acentuado); no decimo verso há uma vírgula depois de *gruides*; no decimo terceiro verso há uma vírgula depois de *adans* e outra vírgula depois de *deschidido*. No quinto verso, em vez de "*E a hora da prece*", leia-se "*E essa a hora da prece*".

No artigo "*A margem de dois conceitos*" há as seguintes erratas a retificar:

Onde se lê, na nona e na décima linha da segunda coluna do artigo, "*Ou intraspecto*", ou *introverso* ou *extroverso*; "*ou a obra extrorsida*", ou a obra *extrorsida*.

"Porque te fôste, sem queimar a imagem seguinte, o que é o certo? Desse amor infeliz? antes, [selvagem, Tiwesses destruido] a minha [crença

Colaboradores

Ciências e Letras agradece, em nome do Grêmio, a colaboração valiosíssima do Prof. Moira Dirigente de Inglês), assim como do Prof. Fladelfo Seal, Erick de Lacerda e J. G. Arnau Jorge.

Agradece também o recebimento dos livros enviados pela Biblioteca Municipal, Instituto do Livro e pelo escritor Mauricio de Lacerda e a escritora Julia Correa.

TEATRO

"A arte verdadeira, pelo fato de ser tal, é de muito superior ao simples divertimento". (Saviotti)

DIAS SOMBRIOS

Sem chauvinismo, podemos dizer que já passo um tempo em que o teatro brasileiro era considerado como esqueleto, como uma criança cujos pais não fizeram tratamento pre-nupcial, nascendo amarrada a uma paralisia infantil. Depois dos 100.000.000 de unidades de penicilina, que lhe aplicaram os verdadeiros valores nacionais e do reforço que lhe deram ainda alguns estrangeiros ilustres, ele se nos apresenta como um grande destio a cumprir.

Perguntaram-me o que achei de "Desajo".

— Para mim foi simplesmente isto: um poema teatral! (mas, muito gritado!)

Na décima oitava e na décima nona linha da terceira coluna do artigo, onde está "*reparam-se para a luta*" leia-se "*preparam-se para uma hora luta*".

Na seção "*Forçé discorda?*" na parte que diz respeito à palavra "*Alerta?*", leia-se o seguinte, o que é o certo: ALLUVAO — é uma substância feminina e não masculino, assim tilize-se a palavra e não o *aluvado*.

No soneto Regina, leia-se o primeiro terceiro assim:

"Porque te fôste, sem queimar a imagem seguinte, o que é o certo? Desse amor infeliz? antes, [selvagem, Tiwesses destruido] a minha [crença

ARQUIVO

Querer sober para saber queres

Entrevistando o Prof. Jonathas Serrano

- 1 — *Quide o quando o Sr. nasceu, professor?* — Nesta capital, em 1885.
- 2 — *Em que colégio o Sr. iniciou os estudos?* — O curso primário foi feito sob a direção de uma professora particular. O secundário, até o quarto ano, neste Externato do Colégio Pedro II, então Ginásio Nacional.
- 3 — *Quais são as mais gatas recordações do seu tempo de estudante?* — Pergunta complexa, de resposta difícil de resumir. Creio que as maiores alegrias foram a nota de aprovação que me deu ingresso no Colégio; um prêmio com dedicatória caligráfica do nosso Diretor J. Cabrita; e um aperto de mão de Campos Sales, em uma das festas do Externato.
- 4 — *Qual foi o professor que exerceu mais influência em seu caráter, nesse tempo em formação?* — A meu dizer, o meu primeiro grande professor e que me deu um alto ideal na vida, foi Jilto Verno, principalmente com o seu romance *Jilto Mestre* e aquele tipo admirável de engenheiro Cyrus Smith. No Colégio, pela disciplina severa e justa, Plástor Barreto; pela cultura geral, pela honradez e pelo real interesse que por mim tomou, o nosso professor de inglês, Alfredo Alexander, que veio ser um grande amigo meu até morrer. Pensei que o nosso Colégio lhe deve ainda uma homenagem especial, que já vai tardando.
- 5 — *Qual era a sua matéria preferida?* — A língua vernácula.
- 6 — *Qual a sua grande ambição quando menino?* — Viajar e conhecer o mundo inteiro.
- 7 — *Qual a carreira que pretendia seguir?* — A de engenheiro, mas a saúde, sempre muito precária, o impediu.
- 8 — *Que espírito de punição quando deu a sua primeira aula?* — A de medo, de não ter bastante respeito para chegar ao fim da hora letiva.
- 9 — *Em que colégio essa primeira aula foi dada?* — No Colégio Paula Pretas, em 1905, sobre o ponto *Fenômeno*, do programa de História Universal (era assim então denominada a disciplina).
- 10 — *Qual a sua opinião sobre o magistério?* — A me-lhor e a mais nobre das carreiras para quem melhora uma espécie de sacerdotio. Uma das mais ásperas e ingratas para quem pretende vencer pelo próprio esforço e somente com as armas da inteligência e do caráter.
- 11 — *O Sr. pode contar-nos algum caso interessante ocorrido no seu tempo de estudante ginasial?* — Repto o que já observei a respeito da 3ª. pergunta. Aqui está um caso, entre dezenas de outros. Havia nossos colegas de primeiro ano, um havia já adalado, forte, que pisava com barulho e... nada sabia de análise sintática (ou lógica, segundo se dizia). Fausto chamou-o um dia para analisar um trecho da Antologia Nacional, "Última corrida de touros em Salavterra". Lá veio ele do fundo de uma das carteiras mais distantes, pisando muito forte como sempre. — Leia, disse-lhe Fausto Barreto. E ele: "Correram-se as cortinas da tribuna real. Rompem as músicas". Qual o sujeito de rompem as músicas? E ele, sem hesitar, com a voz frôsa, já de homem, no silêncio da classe: "Rompem" (Romperam, sim, mas as risadas da turma, apesar da disciplina austera).
- 12 — *Quais os dilemas que deve seguir a mocidade estudiosa do Brasil nestes dias de guerra mundial na sua opinião?* — Talvez uma anttese diga mais do que uma longa dissertação, sem cabimento agora aqui na estreiteza do espaço disponível: "QUERER SABER PARA SABER QUERER".

Jonathas Serrano
(Jonathas Serrano)

O LIVRO

Urias Ribeiro Billo — 2ª SC

Não só no nosso colégio como também em todos os demais deste Brasil, o estudante, de principio ao fim do curso, lida com sérias dificuldades e entre elas o livro.

Este problema que se não apresenta nos privilegiados e fronteira-se constantemente com o remediado e o pobre.

No início do ano, são-lhe apresentadas listas de livros a comprar; o estudante, de começo, hastinha ter o seu papel de dispende, de enorme quantia para satisfazer a justa exigência dos professores; depois, se tem irmãos, raciona e supõe que talvez eles tenham a ser úteis aos seus, em tempos vitoriosos. Passam-se os anos, sendo, no entanto, os irmãos obrigados a comprar novos livros, e pensam também na utilidade que venha a ter a um terceiro irmão, repetindo-se esta "lengua", sem que um livro seja aproveitado.

Ao estudante que é único na família, peor ainda, gastar tal quantia em livros que são expêditos e, raras vezes postos em prática, é realmente penoso para ele.

Atualmente, o aluno vê-se obrigado a estudar em livros comprados ou em "sebos" ou nos colegas de série superior. Os preços atuais são exorbitantes: Matemática — 45 cruzeiros; Química — 50 cruzeiros; História Natural outros 50 cruzeiros e o mais barato não se rebuxa à casa dos 20.

É um problema seriíssimo que, por enquanto, não foi bilhonado.

Por que nós, alunos do Pedro II, colégio padrão e primeiro idealizador das ideias surgidas no meio estudantil, não nos levantamos e, unidos, nossos irmãos solucionamos esta dificuldade que encontramos, tanto nós como

Como os quatro pontos cardinais...

4 SÃO AS DIRETRIZES DA EXPOSIÇÃO



1ª
Vender pelos menores preços do Rio.

2ª
Vender só artigos de qualidade garantida.

3ª
Ser o primeiro a lançar os novos modos.

4ª
Dizer sempre a verdade de seus anúncios.

LOJAS DE DEPARTAMENTOS

Exposição

UMA EXPOSIÇÃO SEGUNDO AS SUAS DIRETRIZES

A EXPOSIÇÃO AVENIDA
Avenida: Ezequiel de Almeida
(60 para homens)

A EXPOSIÇÃO CARROÇA
Avenida: Ezequiel de Almeida
(60 para mulheres)